

DISCURSOS ENTRE PARES: INTERLOCUÇÕES DE FORMADORAS, PROFESSORAS, LEITORAS, REVISORAS, ESCRITORAS, EDITORES, PESQUISADORES, SOBRE CRIANÇAS, ESCOLAS E LETRAS¹

Ludmila Thomé de Andrade²

Resumo

Neste texto, elaborado para o evento do EEBA 2015, resumo de forma bastante simples o posicionamento teórico-metodológico de uma pesquisa que se fecha, depois de cinco anos em execução, e que passa a outro patamar, propondo novos encaminhamentos, construtos e formas de ação. Trata-se de uma pesquisa formação, que implementa a formação que deve analisar. Sua perspectiva é enunciativo-discursiva, atendo-se às interações de tal forma concebidas como enunciações, por serem pertencentes a discursos que se podem identificar, que apenas podem ser designadas como interlocuções. Entre formadores e professores e entre professores e alunos, após ter passado por um processo concebido em tais moldes teóricos, as relações serão modificadas. Há traços identitários alterados em função de interações formadoras assim concebidas.

Palavras-chave: Pesquisa-formação, formação docente, interlocução docentes formadores

Abstract

In this paper, prepared for the EEBA 2015 event, I outline in a quite simple way the theoretical and methodological research position, that closes after five years running, and passing to the next level, offering new developments, constructs and forms of action. This is a research-teacher training, which implements the same training process which should be analyzed. Its perspective is an enunciative -discursive one, being guided by the interactions so designed as utterances, because they belong to discourses, that can be identified, which can only be designated as dialogues. Among trainers and teachers, as well as between teachers and students, after having gone through a process designed in such theoretical molds, relations will be modified. There are identifying features that are changed, due to forming interactions well designed .

Keywords: Research-training, teacher training, interlocution trainers teachers

1 Os autores assumiram uma escrita com acabamento em gênero epistolar, em que resumem o posicionamento teórico-metodológico de suas pesquisas, dessa forma prescindindo das referências bibliográficas ao final do texto.

2 Coordenadora do Grupo de Pesquisa aqui representado, Professora Titular da Faculdade de Educação setor Formação de professores, Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da F. E da UFRJ, atua em processos de formação de professores inicial e continuada, como coordenadora, formadora e pesquisadora; lud@litura.com.br.

Nosso grupo de pesquisa³ reunido em torno da Pesquisa Formação *As (Im)possíveis Alfabetizações de alunos de classe popular pela visão dos professores da escola pública*, trabalha, desde 2010, e ainda desde antes, em torno do tema da formação continuada de professores. Tomamos como nosso objeto a ideia de possíveis e desejáveis ações de formação, embasadas em princípios teóricos que se atêm a uma concepção da linguagem como discurso. Concebemos a língua e a linguagem teoricamente, em sua formatação discursiva, ancorando-nos em base teórica que toma às teorias do discurso de linha bakhtiniana e da Análise do Discurso de linha francesa, assim como a estudos de Letramento e Linguística Aplicada, campos de estudos dos quais tomamos emprestadas diretrizes, preocupações e objetos. Nossos dados de pesquisa emergem no campo, para a análise, que se localiza no interior de uma esfera de formação continuada, concebida como fonte de produção de conhecimento docente e discente. Os produtos elaborados e escritos por formandos, beneficiam professores e seus alunos. Nossa empiria é nosso campo de ação, como um laboratório de escrita docente, buscamos encorajar os professores a escrever sobre o que pensam, sobre o que fazem. Nossa etnografia está aí instaurada e focalizamos os aspectos mais variados. Nosso currículo de formação passa por temas muito variados, que vão se desdobrando, mas um campo semântico nuclear encontra-se mapeado, ilustrativamente, através das palavras abaixo:

ESCRITA INFANTIL; LITERATURA EM ESPAÇOS DE FORMAÇÃO; ALFABETIZAÇÃO E SEUS MÉTODOS; ALFABETIZAÇÃO (NA PERSPECTIVA) DISCURSIVA; A LETRA, A ESCRITA E OUTRAS LINGUAGENS INTERVENIENTES EM INTERFACE (FOTOGRAFIA; FACE BOOK); LEITURA, POLÍTICAS E MATERIAIS; OS MATERIAIS EM OFERTA NO MERCADO DA ALFABETIZAÇÃO; LEITURA LITERÁRIA E OUTRAS LEITURAS; OS ESPAÇOS DISCURSIVOS E A ESCRITA; A POLISSÊMICA LEITURA; PROFESSORES *ET ALII*; FORMAÇÕES EM REDE; ONDAS DA ALFABETIZAÇÃO; O PROFESSOR IMANTADO; AS DISPUTAS DE PROPOSTA: POLÍTICAS E MATERIAIS; ORALIDADE, EPILINGUISTICO E ALFABETIZAÇÃO ETC.

As aquisições do grupo têm gradualmente sido publicadas, uma produção acadêmica necessária, inerente ao movimento de um grupo que se constitui como um coletivo, por

3 O grupo de pesquisa reúne orientandos de Iniciação Científica, atuais e já formados, mestres e mestrandos, doutores e doutorandos, além de interessados por estudos acadêmicos, muitas vezes oriundos de processos de formação continuada coordenados pelo LEDUC. No momento da escrita deste texto, eram as seguintes componentes: Aline Lanzilotta (doutoranda); Beatriz Donda (mestranda); Bruna Molisani Alves (doutora); Denise Rezende (doutoranda); Elizabeth Orofino Lucio (doutoranda); Fernanda Frambach (mestranda); Fernanda Izidro Monteiro (mestre); Giselle Amorim (Professora alfabetizadora); Jessica Caroline (Pedagoga); Luisa Azevedo Guedes (doutoranda); Luiza Alves Ribeiro (doutora); Maria Cristina Lima (doutora); Naara Maritza (professora alfabetizadora); Renata Gondim (mestranda); Roberta Botelho (iniciação científica); Rosângela P. Tomás dos Santos (doutoranda).

dentro dos funcionamentos universitários, em teses, dissertações, monografias de final de curso e de pós-graduação, em artigos e capítulos de livros e apresentações em congressos. Porém, os ganhos mais valiosos que temos podido constatar encontram-se não no setor mais extensionista da universidade, quando vemos marcarem-se traços identitários de formadores que nos tornamos e os professores formandos também se tornam. Vimos avaliando, discutindo e inculcando-nos tais traços, ao inscrevermo-nos em posições novas, almejadas como possibilidades de movimentação e deslocamentos dentro da rede de trabalho docente. Inscrevemo-nos como formadores enunciativamente, ou seja, a cada processo de formação que coordenamos e planejamos e enfim realizamos, os efeitos produzem-se sobre formandos e formadores, nunca sobre apenas um dos polos, pois se tratam de interlocuções e não exclusivamente de relações de ensino unilateralmente. Concebemos a formação como uma rede discursiva, que se tensiona por seus nós (que somos nós participantes), em que se situam os interlocutores, pares deste grande processo de formação continuada de professores, em torno do objeto linguagem. Tensionados por este coletivo, tencionamos interlocuções sobre temas em situações de enunciação sempre singulares e contextualizadas, a serem analisadas como discursos. Somos formadores, porque somos pesquisadores, desde que um dia nos tornamos professores, da educação básica e/ou de ensino superior.

Alçamo-nos a escritores, planejadores, coordenadores de processos de formação de outros professores, ou mesmo nas escolas, passamos a coordenadores ou supervisores pedagógicos. As posições são muitas, se apresentam à medida que vamos nos embrenhando em discursos que em primeira mão parecem não fazer sentido, mas que ganham mais significações quando escutada a voz docente, quando esta faz-se ouvir, e toma (sem roubar) a sua palavra. Assim, na postura de mobilização de interlocução e em posição de escuta, que implica uma atitude responsiva, a voz e a palavra docente são enunciadas (mas apenas assim). Nosso exercício, atenção focalizada, monitoramento e avaliação responsiva calcam-se nesta necessidade. A partir da escuta entre pares, os professores passam a saber falar e expressar-se por escrito, a quem se interessar pelos relatos de práticas docentes, que valham a pena ser contados, por quem age na escola. Neste movimento assim desenhado, acreditamos, é que se produzem autorias.

Hoje, em projetos novos, partindo do limiar deste solo assim explorado e frutificado em textos docentes (que vêm sendo cada vez mais amplamente divulgados, publicados e premiados) alçamo-nos à nova posição almejada: a de editores de textos docentes. Desierarquizamos as posições, através desta perspectiva em rede, interessando-nos mais pelos textos escritos por professores do que por que os professores leiam os textos de

pesquisadores universitários, acadêmicos. Criar um mercado, uma circulação de textos de professores torna-se nosso objeto mais amplo, como produto desta formação (de perspectiva teórica) discursiva.

O adjetivo *docente* refere-se a um pertencimento, os textos são *de docentes*, o que implica que pressupomos uma comunidade de práticas, uma comunidade de pares leitores. As posições da rede são tensionadas (imantadas, escrevemos antes), mutuamente, em pares, díades, e em diálogos mais amplos, para além dos dois a dois. Na “matemática bakhtiniana”, não haverá nunca um, unitário e monologicamente situado, nem tampouco dois, numa troca de turnos de fala em que há outorga de voz, assimetricamente situados, mas sempre três. O número três é profícuo, pois instala um coletivo, necessariamente, indo além de um par-díade. Vale citar o poeta compositor de canções Arnaldo Antunes, que propõe a visão tribalista do coletivo de três, através da exploração da ideia do número três: “Tríade, trinômio, trindade, trímero, triângulo, trio, trinca, três, terno, triplo, tríplice, tripé, tribo...”

Em nossos trabalhos desenvolvidos, de escrita de textos e de ações formadoras, buscamos explorar a noção de alteridade, de acordo com uma concepção de dialogismo na linguagem, que não pode nunca ser restrita ao número dois, se cada um, dos quais se tratam no coletivo, já é sempre feito de pelo menos dois. Na teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin, o indivíduo não pode consistir de um *um*, dado que sua constituição é configurada a partir de vozes alheias. O plural de dois é pouco. Conceber o discurso como alteritário ou dialógico somente faz sentido para além do número dois, se o *um* nunca será apenas um e, ao se relacionar com um outro, serão mais de dois, ou seja, pelo menos três.

O grande texto de pesquisa que escrevemos supõe um texto docente que se escreve como consequência das reflexões em formação, mas a qualidade deste texto docente é proporcionada pela reflexão possível e densa que um professor faz sobre o texto discente, que é por sua vez resposta à ação pedagógica docente. A leitura do texto de seu aluno é fonte de respostas, pois por si mesmo o texto é a própria produção de uma resposta, elaborado por dentro da interlocução entre alunos, entre professores e alunos, e ainda entre o grupo (alunos e professor) com outras vozes externas evocadas. Ler o texto de seu aluno nesta perspectiva polifônica é ler seu próprio trabalho, o documento da autoria de sujeitos em pleno processo de constituição, no ato da escrita.

Neste contexto, de interlocuções multiplicadas em rede, alterando-nos e produzindo discursos, buscamos formular conceitualmente a ideia de uma formação docente pela via do discurso e, com estes parâmetros, também a consideramos da envergadura de uma

formação discursiva, categoria macro, já estabelecida por Michel Foucault, para tratar da *Ordem do discurso* e da *Arqueologia do saber*, que nos remete à discussão sobre os discursos e sua distinção mútua.

As formações discursivas permitem-nos compreender como os discursos são definidos, externa e internamente, intra e interdiscursivamente, pois estes se inscrevem necessariamente em (pelo menos) uma formação discursiva. As formações discursivas tocam-se, tangencialmente, influenciando-se indiretamente através de modos semelhantes de funcionamento, porém distinguindo-se sempre umas das outras. São paralelas, configuram-se homologicamente em sua constituição, mas não determinam-se mecanicamente.

A ideia de formação pela via discursiva que defendemos carrega a reboque a concepção discursiva de alfabetização, pois encerra *uma certa concepção de linguagem*, cuja defesa junto aos professores será mais eficaz se uma apresentação didática a ser feita aos professores em processos de formação profissional, possa, necessariamente, ser conduzida em moldes dialógicos discursivos.

Terminamos este breve retrato com uma carta escrita aos professores pela coordenadora do projeto de pesquisa, depois da convivência e crescimentos dentro dos acontecimentos da formação. Estes encontros se designavam de EPELLE, sigla que resumia seu sentido: encontros de professores para estudos de letramento, leitura e escrita.

DISCURSO DE UMA EPELLEANA

Minhas queridas EPELLEANAS,

Fiquei estes dias preparando meu coração para este momento tão especial, em que escolhemos fazer uma comemoração de finalização de 4 anos de trabalho de formação de professores, de formadores, de alfabetizadores, de estudiosas mulheres que vêm se encontrando para estudar o letramento de crianças na escola pública, o letramento escolar e o letramento não escolar, que podem se sintonizar, desde que nossas mediações interlocuções, interações, intervenções e até correções bem planejadas sejam feitas por nós.

Fiquei imaginando que deveria dizer alguma coisa neste dia, pois nestes anos, embora tão intensamente tenha exercido o papel de formadora, exercitei-me no silêncio. Talvez tenha sido esta a grande lição que publicaremos nos textos de resultados de pesquisa, depois de 4 anos: os silêncios de escuta, os silêncios de nossas leituras, os silêncios de tempos necessários à escrita.

Eu fui aprendendo e gostando demais de aprender este silêncio, porque ele foi a chave para poder saber estar mais e mais perto de vocês, compreendendo quem vocês são de forma mais apropriada, mais certa, mais ajustada ao que poderá vir a ser o diálogo entre a Universidade pesquisadora e a escola trabalhadora, didatizadora de língua e conhecimentos.

Aprendia com vocês aprendendo, ficava anotando, notando, observando, internamente dialogando com as personagens (heróicas protagonistas) que vocês se tornavam, e retomavam-se, sendo outras, sendo as mesmas, umas repetindo as outras, umas aprendendo com as outras, umas “brigando” internamente com as demais. As palavras alheias embaralhando-se em nossas discussões, em nossos burburinhos, em nossos imensos diálogos, a cada encontro, que iam fazendo história, iam constituindo-nos em pensamentos mais e mais potentes.

Adriana Rael, Ana Clara Gabino, Ana Paula Bellot, Bárbara, Elaine Lourenço, Flávia Carvalho, Giselle Amorim, Jaqueline Lima, Liana, Luciene, Marcia Santos, Monica Sartori, Naara Matiza, Natasha Abrantes, Paula Cristina Martins Gomes, Ruth França, Sarah Ligia, Simone Santiago, Simone Werneck, Tatiana Braga de Oliveira, Caroline, Danielle Mendes, Danielle Rodrigues, Elaine Castellar, Grace Pinto Capela, Juliana Figueiredo, Lucilia Santos, Marina Ripper, Marta Cerqueira, Tatiana Castro, Ana Luzia Cândida, Sônia Coelho, Verônica, Therezinha Vaccani, Renata Gondim, Gizele Lopes, Flavia Lino, Rosana Muniz, Rafaela Samagio, Liliane Martins, Ana Paula Peixoto, Carolina Monteiro, Catia Cirlene, Denise Rezende, Lina, Leonardo, Luisa Guedes, Magda Guedes, Augusta, Marina Sodré, Nádia Nara, Patrícia, Rosaura...

A história apenas acabou de começar, minhas queridas EPELLEANAS: as formações com parâmetros dialógicos somente foram escritas na sua expressão inicial, “ERA UMA VEZ...”. O final não está nem perto de ser adivinhado, muitas peripécias de aprendizados e aprendizagens, aventuras de conhecedoras professoras, inventadoras de projetos pedagógicos, viajantes junto aos pequenos alunos, ainda estão por ser escritas.

Nosso Tempo Grande, como explica e define nosso mestre filósofo Bakhtin, promete muitas utopias, a serem perseguidas. Eu termino este pequeno tempo de pesquisa fazendo muitas apostas, dobrando minhas apostas com as fichas que ganhei. Vocês me fizeram ganhar muitas fichas, neste jogo de pesquisa, de busca de compreensão do que seja ensinar, do que seja trabalhar, criar pequenos momentos que marcam pelo conhecimento

infantil, os espaços escolares e os sujeitos que assim se desdobram, existindo em suas próprias trajetórias, trajetórias que significam mudanças, às vezes imperceptíveis, mas são deslocamentos, desdobramentos que devem ser narrados, em histórias de vida profissional que também é vida.

Nossos textos de estudo, pesquisa, conhecimento, sabedoria e descobertas serão textos dentro de textos. Nossos textos de cadernos virarão livros da vida, virarão linhas que nos costurarão neste mundo, da alfabetização, para lermos mais e mais a escola e escrevermos mais e mais sobre nossos alunos. As notas anotadas por lampejos, escritas à mão, na última página onde há espaço, virarão lindas publicações virarão livros, enciclopédias, tomos com ilustrações e iluminuras, conhecimentos difundidos por muitos e muitos tempos futuros, para outros professores lerem, e fazerem uma escola que se salve, que supere as crises e dificuldades, as agruras de nossa escola pública e seus analfabetismos.

Nossas crianças sujinhas, agitadas, ineducáveis, ganharão muito com nosso trabalho de formação. Aposto, queridas professoras, junto com vocês. Estamos juntas! Vamos em frente, jogar nossas redes de trabalho, de pescarias, multiplicando milagrosamente os peixes deste mar!

Seremos felizes para sempre, mas só se trabalharmos muito, escrevendo páginas e páginas.

Um beijo em cada uma,

L.